

6.

HOMENS À VISTA: UMA CORTE AO MAR

Animadas pela queda do Antigo Regime na França a partir de 1789, pela Revolução Americana e pela Revolução do Haiti, as revoltas anticoloniais do final do século XVIII ao fim e ao cabo não lograram seus objetivos políticos últimos. Mas os ideais de liberdade estavam plantados. De todo modo, foi por outros caminhos que essas revoluções e seus desdobramentos históricos contribuíram para minar os fundamentos do domínio português do Brasil. Em 1807, a França napoleônica controlava militar ou politicamente quase toda a Europa. Portugal, aliado histórico da arqui-inimiga dos franceses — a Inglaterra —, era a bola da vez. Ameaçado pelo imperador francês e chantageado pelos ingleses, após desesperadas negociações com ambos os lados, o príncipe regente d. João (sua mãe, a rainha d. Maria I, fora declarada mentalmente incapaz em 1792) ordenou a transferência de toda a corte portuguesa para a capital da colônia americana. Entre 10 e 15 mil pessoas — nobres, funcionários do reino e religiosos, suas famílias e criados — embarcaram em novembro de 1807 para o Rio de Janeiro sob a escolta de uma esquadra inglesa. Dias depois, os franceses entraram em Lisboa. Para não deixar de existir, a monarquia dos Bragança preferiu, na última hora e com as tropas francesas chegando a Lisboa, abandonar seus súditos portugueses e fugir para a outra margem do Atlântico, fora do alcance das tropas napoleônicas.



6.1. S. M. El-Rei d. João VI de Portugal e toda a Família Real embarcando para o Brasil no cais de Belém, em 27 de novembro de 1807, autor desconhecido.*

A transferência da corte para o Brasil deflagrou um processo de liberalização dos laços coloniais que culminaria, em 1822, com a declaração de Independência pelo príncipe d. Pedro, herdeiro presuntivo do trono português.

* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Peça aos alunos para escreverem um texto sobre as relações entre os processos revolucionários na França e na América em fins do século XVIII e a Independência do Brasil.
2. A ideia da transferência da família real portuguesa e sua corte ao Brasil não foi proposta apenas nos anos finais do século XVIII e em função das pressões inglesa e francesa. Sabe-se que várias propostas vinham sendo feitas pelos assessores reais desde o século XVI, apresentando as vantagens da administração do Império português a partir da sua “tranquila” colônia tropical, na América. Considerando essa perspectiva, promova um debate entre os alunos a partir de duas posições dicotômicas: uma favorável à transferência da corte para o Brasil e outra contrária à vinda da família real. Para incrementar a discussão, questões ligadas à geopolítica podem ser mobilizadas pelos(as) professores(as) de geografia e sociologia.
3. Com a colaboração do(a) professor(a) de artes, incite os alunos a observar as imagens 6.1., 6.2. e 6.3. (imagens 40, 41 e 42 do livro), descrevendo seus elementos. Peça também para lerem as respectivas legendas. Na sequência, com base nessa primeira



6.2. *Sir William Sidney Smith (1764-1840), Admiral, at Acre,* gravura de John Eckstein, 1808.



6.3. Alegoria da vinda de d. João, desenho a nanquim aguada de I. A. Marques, s.d.

observação, proponha a eles a seguinte discussão: qual é a importância do estudo da iconografia na compreensão/interpretação dos fatos históricos e na produção de estruturas simbólicas de significado, costumes e práticas no seu contexto e atualmente?

4. Passados mais de quatrocentos anos, os portugueses lançavam-se novamente ao oceano, em direção a uma terra, dessa vez, já “conquistada e parte dos domínios coloniais” desde o século xvi. Ao final do século xv, Vasco da Gama protagoniza um feito descomunal: descobre o tão almejado “Caminho das Índias”. No início do século xvi, os portugueses alcançam “terras novas”, depois chamadas de Brasil. Em 1807, a fuga ou a manutenção da dinastia de Bragança, ou ainda a estratégia audaciosa para a conservação do Império português, se realiza em direção aos trópicos americanos. Dois atos distintos no mesmo cenário oceânico, separados por séculos e interesses diversos.

A fim de louvar as glórias lusitanas à época das Grandes Navegações, o poeta Luís de Camões escreveu o famoso poema *Os Lusíadas*, publicado em 1572, obra-prima da literatura em língua portuguesa.

A partir dessas indicações, realize uma leitura compartilhada das cinco primeiras estrofes do Canto I do poema de Camões. Depois, em parceria com o(a) professor(a) de língua portuguesa, oriente a turma na criação coletiva de um poema que retrate a saída da família real portuguesa e sua corte para o Brasil.

5. Leia com os alunos os seguintes trechos extraídos do subcapítulo “Enquanto isso... em Portugal” (pp. 168-71):

Foi na manhã do dia 30 que se deu a entrada triunfal de Junot, com seu séquito de oficiais desfilando pelo Rossio, acompanhado de cerca de 6 mil soldados, pouco mais da metade do contingente original. [...]

[...] A população reagiria a eles na base do garfo, faca e panela, e poria o inimigo para correr e atravessar a fronteira. [...]

Nesse mundo mental do Antigo Regime, em vez da racionalidade cidadã apregoada pela moderna Revolução, em Portugal era a religião que dava subsídios a explicações de maior fôlego. [...]

A partir dos excertos, solicite duas pesquisas: uma em que os alunos encontrem explicações para as motivações políticas, culturais e religiosas que levaram à reação do povo português diante do exército napoleônico; outra relacionada à própria história brasileira, em que se possam observar causas semelhantes e diversas para ações de contestação política e social diante da chegada da corte.

Por fim, realize uma discussão com a turma sobre as possíveis relações entre política e religião no passado e na atualidade.

LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

6.1. Diante do aumento das tensões geradas pelo embate entre Inglaterra e França, Portugal viu ameaçada sua posição de neutralidade. A França enviou tropas sob o comando do general Junot, ex-embaixador em Lisboa, à fronteira portuguesa, o que levou a corte a embarcar para o Brasil, às pressas, em 1807. A transferência da monarquia lusa foi um empreendimento tão inédito como inesperado, e as imagens de época retratam o nervosismo do momento, a despeito da pretensa tranquilidade de d. João, figurado ao centro da gravura.

6.2. Sir Sidney Smith, conhecido pela alcunha de Leão do Mar, foi um dos comandantes navais mais admirados e temidos da Inglaterra. Depois de tomar parte numa série de batalhas em defesa da Grã-Bretanha, foi designado para comandar a esquadra que acompanharia a família real portuguesa na sua travessia para o Brasil. Esta gravura de 1808 confere a Smith a aura de intrépido herói nacional.

6.3. Ante a ameaça à segurança nacional, o governo de d. João pôs em prática um plano antigo, várias vezes mencionado mas nunca antes realizado: a transferência da sede do Império lusitano para a América. Enquanto no dia a dia a situação era tensa, nas imagens oficiais o monarca surgia seguro, calmo e iluminado pelos deuses de todos os tempos. Ao fundo, as caravelas, igualmente abençoadas pelas “luzes divinas”, estão prontas para um futuro que, ao menos nas projeções da monarquia, parecia predestinado.